

## COLETIVO PRETO BEATRIZ NASCIMENTO: TRAJETÓRIA, IDENTIDADE E RESISTÊNCIA NA UNIVERSIDADE

RICHARD FARIAS SOARES<sup>1</sup>; MILENE DO NASCIMENTO PEREIRA<sup>2</sup>; ANDRÉ ALVES DA SILVA<sup>3</sup>; SAMUEL DE JESUS CABRAL<sup>4</sup>; MARINA SOARES MOTA<sup>5</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – richardfariasecp@gmail.com

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – millene348nascimento@gmail.com

<sup>3</sup>Universidade Federal de Pelotas – andreaves828@gmail.com

<sup>4</sup>Universidade Federal de Pelotas – samuel.gts10@gmail.com

<sup>5</sup>Universidade Federal de Pelotas – msm.mari.gro@gmail.com

### 1. INTRODUÇÃO

As universidades brasileiras costumam ser lugares extremamente violentos para os estudantes negros e negras que decidem ingressar no ensino superior, principalmente, por conta da perpetuação do racismo institucional que estabelece parâmetros discriminatórios baseados na raça que dificultam o desenvolvimento de pessoas negras em espaços de poder e ascensão social (ALMEIDA, 2019). Podendo ser visto através dos currículos institucionais que negam e invisibilizam produções intelectuais negras, na escassez de políticas que tencionam o enfrentamento ao racismo, no sentimento de não pertencimento sentido pelos estudantes e na falta de professores e colegas negros durante a graduação.

Quando falamos, especificamente, da Universidade Federal de Pelotas (UFPeL) estamos falando da última universidade federal a não estabelecer nenhuma forma de ação afirmativa antes da Lei 12.711<sup>1</sup>, ainda que tenha sido questionada e pressionada pelos movimentos sociais e coletivos negros universitários a ponto de instituir um ativo fórum de discussão chamado *Fórum Cotassim* (NUNES, 2016). Para além de ser necessário lembrar dos diversos casos escancarados de violência racial<sup>2</sup> que aconteceram recentemente na instituição com alunos, técnicos-administrativos, professores, trabalhadores terceirizados e externos<sup>3</sup> que costumam ser tratados apenas com notas administrativas.

Evidenciando a presença do racismo estrutural e institucional na universidade que afetam cotidianamente as subjetividades dos estudantes negros e negras, juntamente a dificuldade da branquitude tradicional pelotense em aceitar corpos negros no meio acadêmico por conta desta presença significar o aparecimento de saberes e vivências historicamente silenciados (GOMES, 2017). Fazendo com que os estudantes sejam “quase obrigados” a colocarem uma máscara branca numa pele negra (FANON, 2020) para trilharem um percurso acadêmico, gerando sentimentos de inadequação e perda de identidade, onde a

<sup>1</sup> Em cada instituição federal de ensino superior, as vagas serão preenchidas, por curso e turno, por autodeclarados pretos, pardos, indígenas e quilombolas e por pessoas com deficiência, nos termos da legislação, em proporção ao total de vagas no mínimo igual à proporção respectiva de pretos, pardos, indígenas e quilombolas e de pessoas com deficiência. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2012/lei/l12711.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12711.htm). Acesso em: 20/08/2025.

<sup>2</sup> Motorista terceirizado da UFPeL é vítima de racismo; Conselho da Comunidade Negra acompanha o caso. Disponível em: <https://www.radiocom.org.br/noticia/motorista-terceirizado-da-ufpel-e-vitima-de-racismo-conselho-da-comunidade-negra-acompanha-o-caso/27967>. Acesso em: 20/08/2025.

<sup>3</sup> Comunidade escolar do Colégio Félix da Cunha protesta contra acusação injusta que mirou em estudantes negros. Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/DHtyVywR2al/>. Acesso em: 20/08/2025.

universidade se torna um lugar de violência racial cotidiana que vai atravessando a biografia do sujeito negro (KILOMBA, 2019).

Neste contexto, os coletivos negros universitários, surgem como espaços de acolhimento, pertencimento, formação política e enfrentamento ao racismo na universidade tornando-a um lugar, minimamente, mais democrático para os estudantes negros e negras que chegam advindo de diversos espaços periféricos e rurais (LIMA, 2021). O Coletivo Preto Beatriz Nascimento (Coletivo), que homenageia uma das maiores intelectuais e historiadoras negras do Brasil (RATTS; NASCIMENTO, 2007), foi fundado em setembro de 2023 por estudantes negros e negras dos cursos de História e Geografia da UFPel sendo eles; Richard Farias Soares, Milene do Nascimento Pereira, Samuel de Jesus Cabral e André Alves da Silva que reconheceram o nefasto problema racial presente na universidade, sobretudo, pela falta de autores negros e negras nos currículos institucionais, além da necessidade de outros estudantes negros e negras criarem uma efetiva Consciência Preta que para o ativista e intelectual sul-africano Steve Biko (2017, p. 106), significa:

Consciência Preta é, em essência, a percepção pelo homem preto da necessidade de juntar forças com seus irmãos em torno da causa de sua atuação – a negritude de sua pele – e de agir como um grupo, a fim de se libertarem das correntes que os prendem em uma servidão perpétua.

Diante do exposto, este trabalho tem por objetivo relatar a trajetória e experiências do Coletivo Preto Beatriz Nascimento na universidade, demonstrando as ações que vêm sendo desenvolvidas pelo Coletivo, que promovem espaços de acolhimento, valorização da identidade negra, formação política e resistência ao racismo para os estudantes negros e negras envolvidos.

## **2. METODOLOGIA**

Este trabalho foi elaborado a partir das experiências e vivências de membros fundadores do Coletivo Preto Beatriz Nascimento, desde a sua fundação em 2023, nos encontros, ações e reuniões do Coletivo, compreendendo as vivências negras, a oralidade e a escuta atenta como formas legítimas de metodologia e produção de conhecimento sendo saberes que também são adquiridas no cotidiano de resistência ao racismo. Para além da leitura de alguns autores negros e negras que auxiliam na fundamentação teórica deste trabalho.

## **3. RELATOS E IMPACTOS GERADOS**

A partir da fundação do Coletivo Preto Beatriz Nascimento, que em seu logo carrega a imagem da própria Beatriz Nascimento ao lado de um símbolo adinkra, o *Sankofa*, que significa “retornar ao passado para ressignificar o presente e construir o futuro” juntamente ao mapa do continente africano (Figura 1). Diversas reuniões ocorreram, nas quais os estudantes negros e negras participantes se organizaram para discutir o racismo presente na universidade e sociedade com embasamentos teóricos de autores como; Abdias Nascimento, Beatriz Nascimento, Léila González e Nêgo Bispo para dialogar sobre o racismo em suas mais diversas formas sejam; estruturais, institucionais, recreativas ou cotidianas. Nesses encontros, os estudantes percebem que um dos problemas centrais da universidade é que ela se constrói apenas a partir de experiências brancas. Para além de (re)conheceram diversos autores negros que auxiliaram o

percurso acadêmico desses estudantes, com a possibilidade de referenciá-los constantemente, valorizando as produções negras, como também realizando um próprio letramento racial.

**Figura 1** - Logo do Coletivo Preto Beatriz Nascimento



**Fonte:** Os autores, 2023.

Além das reuniões internas com membros, o Coletivo entende seu papel na formação política, construção e promoção dos saberes negros na universidade. Para isso, realiza diversas ações que vão desde a parcerias com outros coletivos negros universitários, quilombos urbanos, escolas periféricas, realiza exposições de trabalhos em eventos, centros acadêmicos, promove a exibição de documentários, núcleos da UFPel e a realização de acolhidas. Atividades que destacam a necessidade de criarmos uma universidade que seja verdadeiramente antirracista (Figura 2). Os encontros, propostos pelo Coletivo, também colocam os saberes e as vivências negras no centro da universidade, sendo um momento em que as experiências dos estudantes negros e negras que advêm de determinadas circunstâncias são valorizadas na medida em que o nível institucional não oferece espaços de acolhimento e valorização destes saberes oriundos de perspectivas quilombistas (NASCIMENTO, 2019), o Coletivo aparece como possibilidade de um aquilombamento entre os estudantes, colocando as discussões étnico-raciais no centro da universidade e trazendo uma sensação de pertencimento.

**Figura 2** - Ação, Rememorações da Abolição: 13 de Maio e a Inauguração da Liberdade, promovida pelo Coletivo Preto Beatriz Nascimento



**Fonte:** Os autores, 2025.

Considerando tudo isso, o Coletivo também se torna um espaço essencial para a permanência dos estudantes negros e negras. Ali, eles conseguem enxergar outros acadêmicos negros e negras discutindo sobre relações étnico-raciais, percebendo que o racismo não é um problema de sensibilidade, mas algo que deve ser dialogado e combatido. Esta situação cria cenários

positivos de possível superação do racismo a partir do momento em que encontramos outros semelhantes enfrentando o mesmo problema e nos colocando em coletividade e cumplicidade para combatê-lo (KILOMBA, 2019).

#### 4. CONSIDERAÇÕES

Podemos concluir que o Coletivo Preto Beatriz Nascimento vem carregando uma trajetória de resistência dentro da universidade ao incorporar ações e encontros que promovam e fortaleçam a identidade racial negra, além de também ter se tornando um espaço de enfrentamento ao racismo para os estudantes negros e negras que ingressam no ensino superior e se deparam com o racismo estrutural e institucional.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. São Paulo: Jandaíra, 2019.

BIKO, Steve. **Escrevo o que eu quero**. São Paulo: Filhos da África, 2017.

Coletivo Preto Beatriz Nascimento, @coletivopretobeatriznascimento. **Instagram**, 2025. Disponível em: <https://www.instagram.com/coletivopretobeatriznascimento/>. Acesso em: 20/08/2025.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. São Paulo: UBU, 2022.

GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador: Saberes construídos nas lutas por emancipação**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2017.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: Episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

NASCIMENTO, Abdias. **O quilombismo: Documentos de uma militância pan-africanista**. São Paulo: Perspectiva, 2019.

NUNES, Georgina Lima. **Ações Afirmativas nas Instituições Federais da Região Sul: O desafio da permanência, avaliação e acompanhamento**. Pelotas-RS: Editora UFPel, 2016.

LIMA, Stephanie. **Saberes das lutas do movimento negro educador**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2021.

RATTS, Alex; NASCIMENTO, Beatriz. **Eu sou atlântica: Sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento**. São Paulo: Instituto Kuanza, 2007.